



X ENCONTRO MINEIRO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA
Diálogo e Alteridade: a potência da horizontalidade entre
escola e universidade
Montes Claros – Minas Gerais
Outubro/novembro de 2024

EDUCAÇÃO ESTATÍSTICA E INCLUSÃO: análises críticas a partir dos Jogos Paralímpicos

Lorraine Silva Gonçalves¹

Rita de Cássia Sabino Borges²

Roberta Cristina Silva Matos³

RESUMO

Esse artigo descreve parte de uma pesquisa que teve como objetivo estudar como a Educação Estatística pode contribuir para a formação do senso crítico e responsivo dos alunos sobre a inclusão de pessoas com deficiência na sociedade, por meio de uma proposta pedagógica relacionada aos Jogos Paralímpicos. Foi planejada e desenvolvida uma proposta pedagógica, em uma escola municipal da cidade de Uberlândia-MG, com duas turmas de 9º ano do Ensino Fundamental II. Os alunos exploraram diferentes tipos de deficiências com olhar para os esportes paralímpicos. Procurou-se desenvolver habilidades de análise crítica de informações presentes sobre notícias e conversar sobre o perfil e os desafios enfrentados por atletas paralímpicos de Tóquio. Os estudantes refletiram sobre a participação das mulheres e utilizaram gráficos e tabelas para apresentar e interpretar dados. A pesquisa destaca como a Educação Estatística pode ser uma ferramenta para contribuir com as perspectivas sociais e éticas dos estudantes em relação a inclusão de pessoas com deficiência.

Palavras-chave: Proposta pedagógica. Inclusão social. Análise de dados.

INTRODUÇÃO

O papel do professor vai muito além de ensinar conteúdos e conceitos da sua disciplina. Se faz necessário que ele crie situações de reflexão, conscientização e investigação sobre problemas que permeiam a sociedade; a inclusão de pessoas com deficiência é um exemplo concreto. Segundo Sousa (2014, p. 69) a inclusão deve existir em todos os lugares como, no meio social e nos meios de comunicação, mas a autora acredita que “é através do esporte que podemos começar a transformar muitos fatos relacionados ao discurso da inclusão de pessoas com necessidades especiais na sociedade”.

¹ Mestranda em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). lorraine.goncalves@ufu.br.

² Graduanda em Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). ritadcsborges@ufu.br.

³ Graduanda em Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). roberta.matos@ufu.br.

Na investigação de Colere (2023) foram exploradas as percepções de estudantes com idade entre sete e onze anos a respeito das pessoas com deficiência e como materiais midiáticos envolvendo os Jogos Paralímpicos podem modificar essas percepções. Inicialmente, as crianças consideravam as pessoas com deficiência como incapazes, doentes e com traços de personalidade e comportamentos negativos. Após o contato com os materiais midiáticos passaram a reconhecer as capacidades esportivas, artísticas e rotineiras dessas pessoas. Nesse sentido, a autora ressalta que a metodologia utilizada pode servir para professores como uma ferramenta educacional, com o objetivo de melhorar as percepções de crianças em relação às pessoas com deficiência.

Com o crescimento e destaque dos Jogos Paralímpicos no Brasil, Sousa (2014) buscou analisar o discurso da inclusão de atletas com deficiência nesses jogos. Para a autora, há um maior interesse da sociedade pelos Jogos Olímpicos, e isso muito se dá por conta da visibilidade nas mídias, o que exclui as pessoas com deficiência que participam dos Jogos Paralímpicos. Em contrapartida, o número de atletas paralímpicos está crescendo e ganhando destaque nas programações de canais esportivos.

Para Campos, Wodewotzki e Jacobini (2021), a Educação Estatística preza por relacionar a Estatística às problemáticas do cotidiano do estudante, que passa a ter consciência de aspectos sociais, com a ajuda do professor, podendo transformar reflexões em ação. Ensinar Estatística aos alunos utilizando dados reais, como os dos Jogos Paralímpicos, especialmente em um ano de competições como 2024, pode promover o envolvimento dos alunos no processo de criação de sentido, aspecto relevante para o processo de aprendizagem (Weiland; Williams, 2023).

Diante do contexto apresentado, essa pesquisa, discutida no Grupo de Pesquisa Equidade na Educação Matemática, Estatística e Científica (GEMEC) visou estudar como a Educação Estatística pode contribuir para a formação do senso crítico e responsivo dos alunos sobre a inclusão de pessoas com deficiência na sociedade, por meio de uma proposta pedagógica relacionada aos Jogos Paralímpicos. A proposta foi desenvolvida em uma escola municipal da cidade de Uberlândia-MG, em duas turmas de 9º ano. Nas próximas seções, são apresentadas a fundamentação teórica, os caminhos metodológicos para o

desenvolvimento da proposta e os resultados.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Educação Estatística “[...] precisa dar ênfase a questões peculiares ao ensino e a aprendizagem de Estatística” (Campos et al., 2011, p. 477). Nesse sentido, conforme Campos, Wodewotzki e Jacobini (2021, p. 8) os estudantes precisam “[...] ser preparados para levantar problemas de seu interesse, formular questões, propor hipóteses, coletar os dados, escolher os métodos estatísticos apropriados, refletir, discutir e analisar criticamente os resultados considerando as limitações da Estatística”.

É recomendável que os estudantes sejam capazes de avaliar criticamente situações do ambiente que os rodeia. Souza, Lopes e Fitzallen (2020) retratam como preparar os alunos para compreender conceitos estatísticos e produzir informação e não apenas consumi-la. Para isso, mostram vantagens da abordagem de ensino para promover uma ação política dos alunos por meio do uso de dados para tirar conclusões e fazer inferências informais.

O contexto em que os dados estão situados precisa ser de interesse para os alunos, além de estarem relacionados a questões que sejam relevantes para a comunidade ou justiça social (Weiland; Williams, 2023). Agregado a isso, a reflexão acerca da inclusão de pessoas com deficiência nos Jogos Paralímpicos é um assunto a ser discutido na sociedade, principalmente no ambiente escolar.

Devido a uma mudança de concepção da sociedade e a produção de pesquisas com enfoque na equidade e inclusão, as pessoas com deficiência, estão sendo cada vez mais reconhecidas e estimuladas a participar da força de trabalho coletiva e também de atividades no âmbito esportivo. Sousa (2014) buscou contribuir para o desenvolvimento e a compreensão dos significados relacionados ao discurso da inclusão dos atletas com deficiência nos Jogos Paralímpicos, dando destaque para os atletas no Brasil e no mundo.

O objetivo deste trabalho recaiu sobre estudar como a Educação Estatística pode contribuir para a formação do senso crítico e responsivo dos alunos sobre a inclusão de pessoas com deficiência na sociedade, por meio de uma proposta

pedagógica relacionada aos Jogos Paralímpicos. Na próxima seção, descreveremos o contexto e os procedimentos que adotamos para a pesquisa.

METODOLOGIA

Apresentamos aqui o recorte de uma pesquisa que teve como foco estudar como a Educação Estatística pode contribuir para a formação do senso crítico e responsivo dos alunos sobre a inclusão de pessoas com deficiência na sociedade, por meio de uma proposta pedagógica relacionada aos Jogos Paralímpicos.

A proposta, foi realizada em parceria com um professor da Educação Básica⁴ e orientada por um professor do Ensino Superior⁵; ambos participam do Grupo de Pesquisa Equidade na Educação Matemática, Estatística e Científica (GEMEC). Nesse sentido, a proposta foi planejada de maneira colaborativa pelas autoras do presente trabalho. Em seguida, o professor da Educação Básica realizou a parte prática com seus alunos, enquanto nós observamos e registramos as aulas por meio de diário de campo, gravação de áudios e fotografias.

A proposta foi desenvolvida com duas turmas de 9º ano do Ensino Fundamental II, sendo 21 alunos do 9º B e 23 alunos do 9º C, de uma escola municipal de Uberlândia-MG, no período de 16 de maio a 20 de junho de 2024. Em ambas as turmas, todos os alunos realizaram as atividades da proposta, pois estas seguiram o planejamento anual de Matemática da escola e foram consideradas para o processo de avaliação do 2º bimestre do ano letivo. Os conteúdos abordados na proposta foram: análise de informações e gráficos divulgados pela mídia; gráfico de setores, linhas e colunas; tabelas; e leitura, interpretação e representação de dados. No Quadro 1 é apresentado os objetivos específicos de cada momento.

⁴ Lucas Aparecido de Castro. Doutorando em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). lucasap.matematica@gmail.com.

⁵ Leandro de Oliveira Souza. Professor da Universidade Federal de Uberlândia (UFU/FACED). leandrosouza@ufu.br.

Quadro 1: Objetivos específicos da proposta pedagógica

MOMENTOS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS
1º momento: Jogos Paralímpicos	Perceber os tipos de deficiências na prática de esportes dos Jogos Paralímpicos.
2º momento: o que dizem as notícias	• Desenvolver habilidades de leitura e análise de notícias divulgadas pela mídia. • Conversar sobre o perfil dos atletas paralímpicos de Tóquio. • Refletir acerca da participação das mulheres nos Jogos Paralímpicos.
3º momento: conhecendo os tipos de gráficos	• Identificar e analisar tipos de gráficos.
4º momento: construindo uma base de dados	• Realizar uma coleta de dados no Google Imagens e apresentá-los por meio de tabelas e gráficos no Excel. • Identificar a relação das aulas de Matemática com os Jogos Paralímpicos.

Fonte: elaborado pelas autoras

No 1º momento, o professor questionou os alunos sobre suas experiências com pessoas com deficiência e mencionou a inclusão social delas nos esportes, introduzindo assim a temática dos Jogos Paralímpicos. Em seguida, o professor apresentou dois vídeos do YouTube sobre os Jogos Paralímpicos⁶ e os alunos discutiram suas impressões. Por fim, cada aluno recebeu um Chromebook e foi solicitado que escrevessem cinco palavras no Mentimeter relacionando Matemática aos Jogos Paralímpicos para criarem uma nuvem de palavras coletiva.

Acerca do 2º momento, o professor informou aos alunos que eles deveriam ler duas notícias relacionadas à temática das últimas aulas de maneira individual. Devido à dificuldade dos alunos com a leitura, essa estratégia acabou deixando os estudantes dispersos, então o professor decidiu fazer a leitura junto com eles.

⁶ Disponíveis em: https://youtu.be/tYkdnV90ZHQ?si=5al_B6GWKp_gPFV6 e https://youtu.be/1XldUK2N20k?si=1UDKQh52Hzxm_MHb. Acesso em: 05/09/2024.

Constatamos que a postura dos alunos frente a leitura individual das reportagens era de que pareciam não estar levando a sério a proposta. Durante a leitura, o professor questionou quais elementos são importantes a serem observados na leitura de uma notícia, e foram citados: título, contexto, assunto e a confiança do site, se divulgado na *internet*. No decorrer das notícias, foram apresentados alguns gráficos. Nesse sentido, durante a leitura, o professor fez questionamentos sobre os tipos de gráficos e o que eles representam.

Após as discussões sobre as notícias, o professor percebeu a necessidade de adicionar uma aula sobre tipos de gráficos, pois os alunos não estavam sabiam identificá-los. Assim, deu-se início ao 3º momento, em que a turma foi dividida em grupos de três alunos. Cada grupo ficou responsável por apresentar um tipo de gráfico usando um texto colaborativo no Google Docs, que consiste em um documento que pode ser editado por várias pessoas simultaneamente. Nesse sentido, os alunos puderam trabalhar no mesmo documento ao mesmo tempo, vendo as alterações de cada um em tempo real. Em seguida os estudantes responderam a uma atividade no Forms e uma discussão foi conduzida pelo professor sobre os elementos de um gráfico (título, legenda, dados, gráfico e fonte) e também sobre as perguntas presentes na atividade.

No 4º momento, o professor explicou que os alunos, em grupo, deveriam analisar as dez primeiras imagens encontradas em uma pesquisa sobre os Jogos Paralímpico realizada pelo docente no Google Imagens. Eles levantaram categorias de interesse ou pontos comuns nas imagens, para criar tabelas e gráficos. Inicialmente, as anotações foram feitas em papel, e depois as tabelas e gráficos foram construídos no Excel. O professor orientou sobre a criação de tabelas e gráficos, e cada grupo apresentou seu trabalho. No final, o professor propôs a criação de uma nova nuvem de palavras, refletindo sobre tudo que foi aprendido, questionando se usariam as mesmas palavras ou se aprenderam novas que representassem melhor o conteúdo trabalhado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, são destacados os principais resultados de uma pesquisa que

Foi possível perceber em discussões entre os alunos que eles relatavam a dificuldade de fazer a associação solicitada pelo professor, o que é possível verificar nas nuvens de palavras geradas em que os alunos associaram ao sentimento referente às pessoas com deficiência – com palavras como ‘inclusão’, ‘complicado’, ‘aceitação’, ‘dificuldade’ e ‘medo’ –, ou associaram à disciplina de Matemática e ao sentimento deles referente a ela – com palavras como ‘gráficos’, ‘área’, ‘pontuação’, ‘centímetros’ e ‘cálculo’. Assim como podemos verificar no seguinte trecho da discussão realizada pelo professor com os alunos após a formação da nuvem de palavras, em que notamos um entrave dos alunos em perceberem a relação mais ampla que os Jogos Paralímpicos têm com a Matemática:

Professor: Então vocês podem ver aqui quais são as palavras que mais apareceram aqui: medo, tempo, dificuldade.

Aluno D: Gráficos.

Professor: O quê que significa o quanto maior? Vocês sabem? Mais pessoas escreveram essa palavra. Vocês acham que o medo aí relacionado a matemática e os jogos, o quê que têm a ver?

Aluno D: É difícil?

Aluno O: Acho que dá medo.

Professor Lucas: Dá medo? Os jogos ou a matemática?

Aluno O: Os dois.

Quando professor informou aos alunos que eles deveriam ler duas notícias relacionadas à temática das últimas aulas de maneira individual, no 2º momento, houve dificuldade dos alunos com a leitura e o professor decidiu fazer a leitura junto com eles. Com a leitura, os estudantes começaram a perceber que algumas informações estavam confusas entre o texto e o gráfico. Para Andrade et al. (2020) a maneira comum de apresentação de dados nas mídias são os gráficos estatísticos. Assim, em geral, a imagem tem mais destaque que os valores, podendo tornar essa ferramenta com possíveis erros.

Um gráfico de setores apresentando a distribuição dos atletas por tipo de

deficiência (física, visual e intelectual) convocados para os Jogos Paralímpicos de Tóquio por deficiência gerou reflexões sobre a maneira como a sociedade lida com as pessoas com deficiência. Um estudante perguntou o motivo de terem sido convocados para os Jogos Paralímpicos mais homens do que mulheres. Alguns dos motivos citados pela turma foram: ‘os homens são mais fortes’, ‘as mulheres não quiseram ir’, ‘há poucas mulheres com deficiência’, e ‘os homens praticam mais esporte do que as mulheres’.

Na investigação realizada por Carlos (2021, p. 75) é apresentado que conforme o Comitê Paralímpico Internacional, a participação de atletas femininas é bastante inferior à participação masculina. As possíveis questões, que afetam a autonomia das mulheres, abordadas pela autora são: matrimônio, maternidade e atenção familiar. Além disso, “Estruturas sociais, razões educativas e a ideia de inferioridade biológica permeiam a história da participação feminina em diferentes contextos sociais”.

O 3º momento visou que os alunos conhecessem alguns tipos de gráficos. Assim, eles pesquisaram as informações solicitadas (tipo de gráfico, para que serve o tipo de gráfico, elementos importantes do tipo de gráfico e se já conheciam o tipo de gráfico) no Google, copiando e colando a primeira informação que aparecia. Um grupo de cada turma ficou responsável por uma tabela e não por um gráfico. Foi possível notar que os estudantes tiveram dificuldade em reconhecer que se tratava de uma tabela, pois em uma turma os alunos buscaram por ‘tipos de gráfico verbal’ e na outra buscaram a imagem da tabela no Google na tentativa de descobrir qual o tipo de gráfico.

Na apresentação, todos os grupos realizaram a leitura da pesquisa que fizeram referente as informações sobre o tipo de gráfico; alguns se sentiram tímidos para fazer a apresentação e foram encorajados pelo professor que foi cooperativo e os estimulou durante as apresentações. Também houve algumas situações, por exemplo, que eles utilizaram o modelo de gráfico para apresentar dados de interesse próprio como o endividamento dos times de futebol e a quantidade de gols que um time brasileiro fez (Figura 2). Percebemos que foi possível conectar-se às experiências e interesses vividos do aluno, como apontam Weiland e Williams (2023), para além dos Jogos Paralímpicos. Também citaram que já haviam visto algum tipo de gráfico (setor) em outras aulas como Geografia e Ciências,

pesquisaram mais em relação a mapas do que o gráfico de mapas em si.

Figura 2: Exemplos de gráficos de interesse próprio dos estudantes



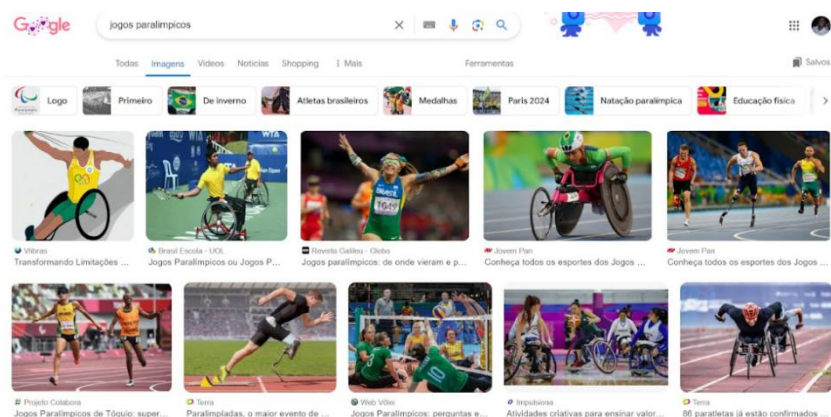
Fonte: arquivo pessoal do professor

Logo após, foi solicitado aos estudantes para responderem a uma atividade no Forms. Os alunos demonstraram dificuldade em interpretar os dados que o gráfico apresenta e identificar o título do gráfico. Apontaram como principais obstáculos enfrentados pelos atletas paralímpicos: patrocínio, sofrem zoações, críticas e bullying, acessibilidade, preconceito, falta de acessibilidade, discriminação, apoio financeiro, inclusão social, acesso limitado a instalações, falta de equipamentos adaptados e barreiras de comunicação. Além disso, reconheceram que não teve um número maior de mulheres, porém não souberam justificar o motivo. Nesse sentido, Souza, Lopes e Fitzallen (2020), argumentam que a Educação Estatística fornece aos alunos ferramentas e informação que os ajudam a compreender para se envolverem com problemas sociais, futuramente os capacitando para agirem de maneira política.

Por fim, no 4º momento, o professor explicou que os alunos, em grupo, deveriam analisar as dez primeiras imagens encontradas em uma pesquisa sobre os Jogos Paralímpico realizada pelo docente no Google Imagens. Durante as discussões em grupos, o professor circulou entre os estudantes, fazendo questionamentos sobre o que estavam percebendo nas imagens da Figura 3. Os alunos mencionaram esportes como vôlei sentado, natação, basquete para cadeirantes e corrida, indicando uma possível categoria relacionada a esportes. O professor então sugeriu que pensassem em outras categorias, relacionando-as

com as temáticas vistas nas aulas anteriores, como os tipos de deficiências.

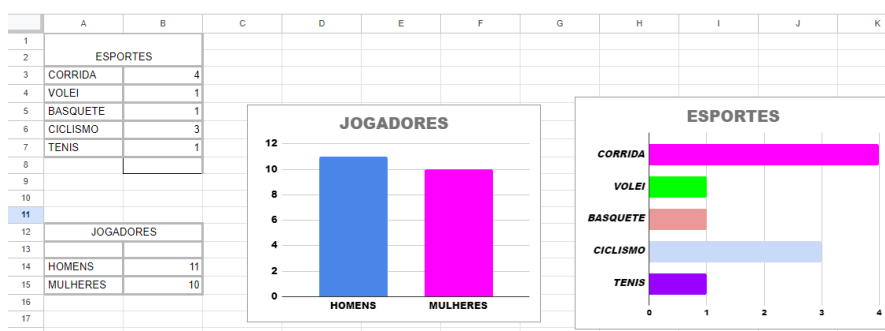
Figura 3: Jogos Paralímpicos no Google Imagens



Fonte: arquivo pessoal do professor

Além disso, os estudantes encontraram dificuldades na construção de uma tabela, e o professor sugeriu que considerassem, por exemplo, quantas imagens dos esportes citados estavam sendo apresentadas. As categorias levantadas pelos alunos foram: esportes, gênero, tipos de deficiência e equipamentos. Cada grupo realizou a apresentação das tabelas e gráficos construídos para o restante da turma.

Figura 4: Exemplo de construção de tabelas e gráficos pelos estudantes



Fonte: arquivo pessoal do professor

Após as apresentações, o professor apontou outras categorias que poderiam ter levantado, como atletas negros e brancos, jovens e idosos, homens e mulheres. Logo após, informou para os alunos que iriam gerar uma nova nuvem de palavras, pensando em tudo que fizeram (Figura 5). Para o fechamento da proposta

arquivos que estão fazendo no drive, ou seja, a maneira de registro foi feita pelos Chromebooks e não no caderno, o que pode ter causado estranhamento nos estudantes. Assim, percebeu-se como eles não utilizam Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) durante as aulas.

A partir do exposto, os alunos exploraram diferentes tipos de deficiências com olhar para os esportes paralímpicos. Procurou-se desenvolver habilidades de análise crítica de informações presentes sobre notícias e conversar sobre o perfil e os desafios enfrentados por atletas paralímpicos de Tóquio. Os estudantes refletiram sobre a participação das mulheres e utilizaram gráficos e tabelas para apresentar e interpretar dados. A pesquisa destaca como a Educação Estatística pode ser uma ferramenta para contribuir com as perspectivas sociais e éticas dos estudantes em relação a inclusão de pessoas com deficiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho explorou os principais resultados de uma pesquisa que teve como objetivo de estudar como a Educação Estatística pode contribuir para a formação do senso crítico e responsivo dos alunos sobre a inclusão de pessoas com deficiência na sociedade, por meio de uma proposta pedagógica relacionada aos Jogos Paralímpicos.

Ao perceberem os diferentes tipos de deficiências envolvidas na prática esportiva dos Jogos Paralímpicos, os alunos puderam ampliar sua compreensão sobre as capacidades e habilidades dos atletas, desafiando estereótipos preexistentes. Além disso, através da leitura crítica e análise de notícias veiculadas pela mídia, os estudantes desenvolveram habilidades importantes para avaliar informações e compreender diferentes perspectivas sobre a inclusão.

A discussão sobre o perfil dos atletas paralímpicos de Tóquio proporcionou uma reflexão profunda sobre as trajetórias individuais dos competidores, suas conquistas e os desafios enfrentados, inspirando uma maior valorização das realizações desses esportistas. A análise da participação das mulheres nos Jogos Paralímpicos promoveu reflexões sobre a igualdade de gênero e a representatividade no esporte adaptado, destacando os avanços alcançados e os

caminhos a serem percorridos.

A identificação e análise de diferentes tipos de gráficos permitiram aos alunos explorarem visualmente dados relevantes coletados no Google Imagens, apresentando-os de forma organizada e interpretativa através de tabelas e gráficos elaborados no Excel. Esse exercício fortaleceu suas habilidades matemáticas e tecnológicas.

Por fim, ao identificar a relação entre as aulas de Matemática e os Jogos Paralímpicos, os alunos foram incentivados a perceber como os princípios estatísticos e matemáticos estão integrados à prática esportiva e à análise crítica dos dados. Esse enfoque ampliou sua compreensão sobre a relevância da Educação Estatística não apenas como disciplina acadêmica, mas como uma ferramenta poderosa para promover a inclusão na sociedade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Fabiana Chagas de; SCHILLER, Carolina Vieira; SILVA, Dione Aparecido Ferreira da; MENEZES, Larissa Pereira; SILVA, Alexandre Sousa da. Aspectos da interpretação de gráficos de estudantes universitários em um ambiente virtual. **Bolema**, v. 34, n. 67, p. 462-479, 2020. Doi: <https://doi.org/10.1590/1980-4415v34n67a06>.

CAMPOS, Celso Ribeiro; JACOBINI, Otávio Roberto; WODEWOTZKI, Maria Lúcia Lorenzetti; FERREIRA, Denise Helena Lombardo. Educação estatística no contexto da educação crítica. **Bolema**, Rio Claro v. 24, n. 39, p. 473-494, 2011. <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/bolema/article/view/5104>.

CAMPOS, Celso Ribeiro; WODEWOTZKI, Maria Lúcia Lorenzetti; JACOBINI, Otávio Roberto. **Educação Estatística: Teoria e prática em ambientes de modelagem matemática**. (Coleção tendências em educação matemática). São Paulo: Grupo Autêntica, 2021. E-book. ISBN 9786559280988.

CARLOS, Neide Maria. **A imagem da atleta feminina com deficiência pelo olhar da imprensa brasileira nos jogos paralímpicos rio 2016**. 2021. 218 f. Tese (Doutorado em Comunicação). Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2021.

COLERE, Jackeline. **Percepções de crianças em idade escolar em relação às pessoas com deficiência**: um estudo sobre a influência do contato com materiais relacionados aos jogos paralímpicos. 2023. 88 f. Dissertação (Mestrado em

Educação Física). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2023.

SOUSA, Tatiane Freitas de. **O discurso da inclusão de atletas com deficiência nos jogos paralímpicos e no desporto brasileiro**. 2014. 74 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem). Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2014.

SOUZA, Leandro de Oliveira Souza; LOPES, Celi Espasandin; FITZALLEN, Noleine. Creative insubordination in statistics teaching: possibilities to go beyond statistical literacy. **Statistics Education Research Journal**, v. 19, n. 1, p. 73-91, 2020. https://iase-web.org/Publications.php?p=SERJ_issues.

WEILAND, Travis; WILLIAMS, Immanuel. Culturally Relevant Data in Teaching Statistics and Data Science Courses. **Journal of Statistics and Data Science Education**, v. 32, n. 3, p. 256-271, 2023. Doi: <https://doi.org/10.1080/26939169.2023.2249969>.